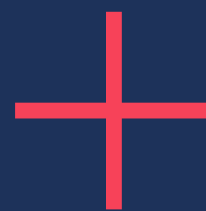


ESTUDOS
EMERGÊNCIA
COVID



USO DE
DADOS
NO SETOR
SOCIAL:
APRENDIZADOS
NA PANDEMIA E
CAMINHOS PARA A
INTEROPERABILIDADE

PROMOÇÃO:



Bruno Barroso

Durante a pandemia de Covid-19, surgiram no Brasil uma série de iniciativas relacionadas a fornecer informações nos campos do investimento social e terceiro setor. Este artigo teve como objetivo analisar as principais características e desafios de algumas dessas iniciativas de coleta, tratamento e disponibilização de dados para a sociedade. Foram analisados o Monitor das Doações, da Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR), o Emergência Covid-19 do Grupo de Institutos Fundações e Empresas (GIFE), o Relatório dos Primeiros 60 Dias da consultoria ponteAponte e a pesquisa Impacto da Covid-19 nas OSC Brasileiras, organizada pela Mobiliza e pela Reos Partners. Essas ações foram comparadas com as iniciativas de disponibilização de dados no Brasil em tempos de pré-pandemia, visando identificar as principais inovações, desafios e aprendizados trazidos por esses instrumentos para o setor social. Foi traçado também um paralelo com algumas iniciativas internacionais de dados relacionadas a impacto social. Por fim, o artigo traz uma visão dos benefícios da interoperabilidade de bases de dados para o setor social brasileiro e sugere caminhos para alcançá-la em seus aspectos organizacionais, semânticos e técnicos.

INTRODUÇÃO

O enfrentamento da pandemia de Covid-19 provocou uma mobilização pouco antes vista de organizações da sociedade civil (OSC), investidores sociais, pessoas físicas e organizações intermediárias em todo o mundo. Durante o duro período em que o Brasil está lidando com as consequências da Covid-19, mais de 6,3 bilhões de reais já foram doados para iniciativas emergenciais de combate à pandemia e seus efeitos na população brasileira. Muito se tem falado que se trata de um recorde histórico da filantropia no país. Esse marco só ficou claro por conta do [Monitor das Doações](#), uma importante iniciativa voluntária da [Associação Brasileira de Captadores de Recursos](#) (ABCR, 2020), que reúne dados a partir de uma série de notícias ou contribuições enviadas diretamente para a Associação. Trata-se de um painel dinâmico, que evolui diariamente e dá a sensação de acompanhamento em tempo real desse movimento de filantropia. Para além do Monitor das Doações, surgiram iniciativas de dados de outros importantes atores no campo, o Grupo dos Institutos Fundações e Empresas (GIFE) e a consultoria ponteAponte, que mapearam e trouxeram reflexões sobre as iniciativas emergenciais que emanaram do setor social em meio à crise de Covid-19.

Em paralelo a isso, as OSC ocuparam um papel crucial no enfrentamento da Covid-19, atuando principalmente junto a populações em situação de vulnerabilidade e, muitas vezes, de forma mais ágil que o poder público. Muitas delas, inclusive, ampararam suas ações em bases de dados disponíveis sobre o

território e a população atendidas. No entanto, mesmo num cenário de recordes da filantropia brasileira, a pesquisa inédita Impacto da Covid-19 nas OSC Brasileiras, coordenado pela Mobiliza e pela Reos Partners (2020) mostrou que, em sua maioria, essas organizações estão enfraquecidas pós-pandemia.

O objetivo deste artigo é apresentar essas iniciativas de disponibilização de dados realizadas durante a pandemia, buscando compreender suas metodologias e desafios, além de propor reflexões acerca dos principais legados que elas deixam para o setor. É importante ressaltar que este trabalho não buscou esgotar todos os projetos existentes relacionados a dados durante a Covid-19, mas sim traçar características e aprendizados dessas ações selecionadas.

A análise de desafios e aprendizados dessas quatro iniciativas permitiu propor um modelo de trabalho

que pode servir como um guia de como o setor social no Brasil pode se organizar em prol de uma atuação mais pautada por dados. Em especial, são ressaltadas as possibilidades de interoperabilidade de bases de dados responder aos desafios identificados nas pesquisas analisadas neste artigo, trazendo uma abordagem organizacional,

semântica e técnica.

Este artigo se divide em seis itens, além desta introdução. O primeiro é resultado de uma pesquisa qualitativa sobre quatro das principais iniciativas de dados sobre o ecossistema de impacto social no Brasil durante a pandemia. O segundo descreve os principais desafios encontrados na coleta,

AS OSC OCUPARAM UM PAPEL CRUCIAL NO ENFRENTAMENTO DA COVID-19

sistematização e disponibilização dos dados. Em seguida, o terceiro item aponta os aprendizados para uso de dados no setor social pós-pandemia. O quarto item discute como a interoperabilidade de bases de dados pode ser um caminho para o setor social brasileiro. O quinto item apresenta caminhos para a interoperabilidade no Brasil a partir de experiências nacionais e internacionais e, por fim, são feitas considerações finais.

1 INICIATIVAS DO CAMPO DO INVESTIMENTO SOCIAL E DO TERCEIRO SETOR DURANTE A PANDEMIA

Desde os primeiros dias da pandemia, em março de 2020, algumas organizações intermediárias¹ e associações representativas de classe no setor social se mobilizaram rapidamente para mapear dados sobre iniciativas de filantropia e de enfrentamento da Covid-19 no país. Foram ações tempestivas e, num primeiro momento, realizadas de forma paralela por cada uma das organizações. A ABCR, o GIFE e a consultoria ponteAponte iniciaram ainda em março seus levantamentos para consolidar dados sobre as ações emergenciais de combate à pandemia realizadas por investidores sociais, pessoas físicas e governos.

A ABCR, associação fundada em 1999 que representa uma rede nacional de captadores de recursos para o terceiro setor, direcionou seu olhar para as doações, que naquele momento vinham tendo grande destaque na mídia e nas redes sociais. Já nos primeiros dias de isolamento social, a dupla João Paulo Vergueiro, Diretor Executivo da ABCR, e Márcia Woods, Presidente do Conselho Deliberativo, começou a montar uma planilha compartilhada registrando dados de notícias que tinham visto sobre doações. Logo na décima linha do documento identificaram que a soma já passava de 300 milhões

de reais. Percebendo a relevância daqueles números, resolveram fazer algo mais estruturado e lançaram a versão inicial do Monitor das Doações, que se tornou o grande termômetro público da filantropia brasileira durante a pandemia.

Segundo Vergueiro, o objetivo principal do Monitor era

[...] ter noção do tamanho da generosidade gerada em razão dos impactos da pandemia, por meio de doações. O Monitor foi uma forma de acompanhar e quantificar, de uma maneira comparável, o tamanho da generosidade nesse período. A partir da criação do Monitor, a sociedade, os investidores sociais e a mídia passaram a ter dados para entender o destino das doações durante a pandemia (VERGUEIRO, 2020).

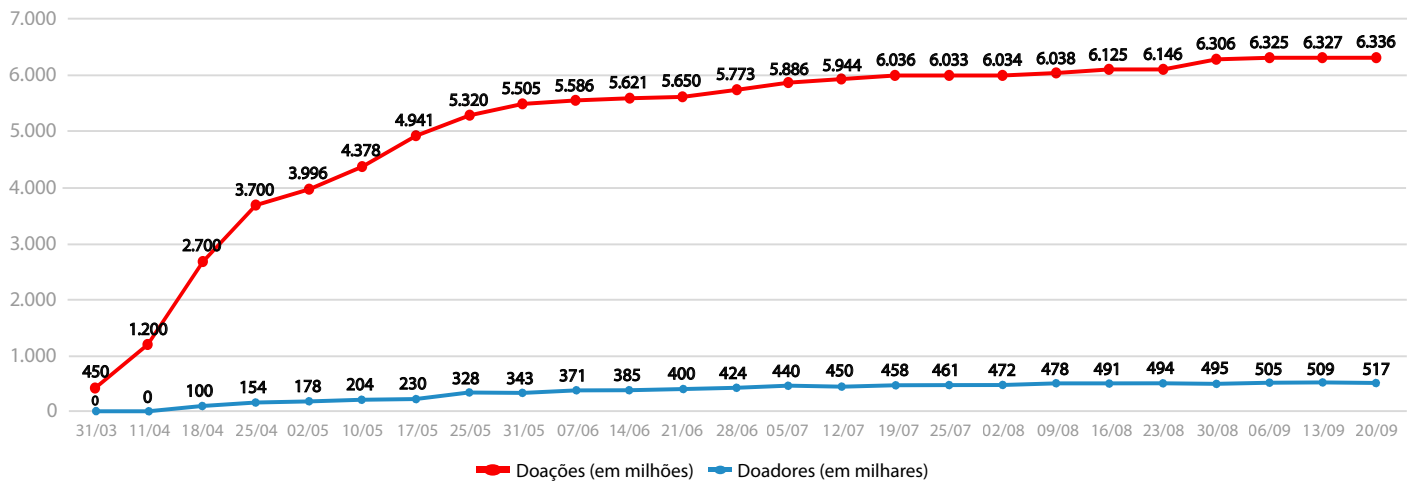
Um objetivo secundário do Monitor das Doações foi incentivar que os doadores transformassem em valores financeiros suas doações em produtos e serviços e falassem sobre elas – algo que, na visão dele, não acontece sempre no campo do investimento social. Um aspecto que facilitou a divulgação dos dados sobre doações foi uma decisão inédita do Jornal Nacional, da Rede Globo, que durante a pandemia passou a dar visibilidade diária para ações de solidariedade das empresas, inclusive mencionando suas marcas e dando voz para seus representantes.

O processo de coleta de dados do Monitor foi manual durante todo o período e teve como principais fontes as matérias publicadas na imprensa, dados enviados diretamente pelos doadores e parceiros e acompanhamento diário nos *sites* de *crowdfunding*² – processo que, segundo Vergueiro, lhe custou “algumas madrugadas mal dormidas”. Ao longo do período, os dados continuaram sendo registrados numa planilha compartilhada na ferramenta Google Planilhas, mas sua categorização e visualização foram sendo aperfeiçoadas, principalmente depois de receberem doações de investidores sociais para aprimorar a

1 Nesse setor, os intermediários são organizações especializadas que facilitam, conectam e apoiam a parceria entre oferta (investidores, doadores e gestores que buscam impacto) e demanda de capital (organizações que geram impacto social); bem como qualificam a construção do ecossistema (FTFS, 2015, p. 4).

2 *Sites* especializados na doação de pessoas físicas (principalmente) e jurídicas para campanhas de arrecadação coletiva lançadas por OSC e coletivos não formalizados.

Figura 1 – Evolução semanal do Monitor das Doações COVID-19



Fonte: ABCR (2020).

classificação dos aportes e realizar uma reformulação do *site* do Monitor.

A disponibilidade de doadores dispostos a aportarem recursos nessa atividade-meio de tratamento de dados, mesmo num cenário em que as doações estavam direcionadas para as emergências, foi um dos aspectos considerados importantes para potencializar o uso da ferramenta.

Se no campo da saúde a ciência de dados foi amplamente utilizada para acompanhar a evolução diária dos casos de Covid-19, o Monitor das Doações permitiu visualizar praticamente em tempo real os dados da filantropia no Brasil, algo até então inédito no campo antes da pandemia. Na figura 1 é possível perceber que a curva de doações iniciou o seu achatamento a partir do final do mês de maio.

Além do levantamento e mapeamento das doações e seus valores num formato inovador, outros importantes atributos do Monitor das Doações foram a identificação individualizada dos principais doadores (categorizados por setor e tipo) e a especificação

das características das doações por tipos, causas, localização etc.

Apesar da sua importância, ainda não há clareza para a ABCR se o Monitor se tornará um serviço contínuo para o campo, embora haja interesse em adaptar o seu uso para o mapeamento das doações durante o [Dia de Doar](#)³, que acontecerá em dezembro de 2020.

Enquanto o foco da ABCR estava na organização de dados sobre as doações, o GIFE buscou mapear o cenário da atuação do investimento social no combate à pandemia por meio do projeto Emergência Covid-19 (GIFE, 2020). O portal reúne iniciativas, fundos e campanhas emergenciais, além de guias e ferramentas, notícias e reflexões que possam apoiar e promover uma ação cada vez mais conectada e colaborativa entre os diversos atores do campo do investimento social.

Antes de detalhar o Emergência Covid-19, é importante ressaltar a importância histórica do trabalho com dados do GIFE, materializado principalmente por meio de uma pesquisa bianual

³ Movimento global em prol da filantropia, conhecido internacionalmente como Giving Tuesday, que no Brasil tem a ABCR como uma de suas lideranças.

sobre o investimento social no país, o Censo GIFE (2019). Quando alguém quer entender o montante habitualmente investido na área social no Brasil, é a essa pesquisa que se faz referência: o último Censo, de 2018, mostra um patamar de aportes na casa de 3,25 bilhões de reais por ano, o que torna os 6,3 bilhões de reais mapeados pelo Monitor das Doações um número bastante impressionante. Esse assunto volta a ser abordado no item 3 deste artigo.

Segundo Erika Sanchez (2020), coordenadora do Emergência Covid-19, o mapeamento não era o objetivo principal do projeto quando foi iniciado. Ela relembra que logo no início da pandemia foi criado um Grupo de Articulação formado por cerca de 40 associados, conselheiros e colaboradores do GIFE, que fez algumas reuniões virtuais para discutir o papel da organização naquele contexto. A cada encontro, muitas iniciativas dos institutos, fundações e empresas eram apresentadas pelos investidores sociais, que começaram a ser sistematizadas em planilhas. Quando perceberam a riqueza dos dados e seu potencial de balizar as ações e as decisões de outros doadores durante a pandemia, resolveram tornar o processo mais amplo e criar o *site*, que reúne dados sobre um número ampliado de iniciativas. Segundo Sanchez, houve uma “explosão” de notícias sobre doações e iniciativas de combate à pandemia, compartilhadas principalmente em grupos de WhatsApp do Movimento Por Uma Cultura de Doação⁴. O *site* facilitou que as informações pudessem ser compiladas e divulgadas de forma mais fácil e organizada.

Sanchez conta um dos aspectos que facilitou muito o processo e deu agilidade na coleta e disponibilização dos dados:

O Emergência Covid-19 não nasceu como uma pesquisa. Não tinha pretensão metodológica e nenhuma trava por questões acadêmicas. Isso deixou o processo mais ágil. Foi uma iniciativa muito “mão na massa” para mapear e disponibilizar todos os dados (SANCHEZ, 2020).

O processo de coleta dos dados foi tão manual que, em determinado momento, envolveu até uma consulta individual ao *site* de cada associado do GIFE, com o intuito de mapear informações públicas de iniciativas. Essas informações depois puderam ser corrigidas ou complementadas por cada associado.

As iniciativas mapeadas pelo projeto Emergência Covid foram posteriormente incluídas na Base de Projetos do GIFE, disponível no portal Mosaico (GIFE, 2020), onde compõem a categoria de “ações emergenciais”, criada especialmente para dar visibilidade às iniciativas dos associados do GIFE no contexto da pandemia e, principalmente, facilitar parcerias, conexões e coinvestimento entre investidores sociais.

Durante o percurso, percebeu-se que existiam outras iniciativas análogas de mapeamento no setor, também analisadas neste artigo. Foi uma oportunidade para iniciar o diálogo com os demais organizadores e entender que as iniciativas não precisavam necessariamente ser acopladas ou substituídas, mas sim que havia espaço para servirem de fonte umas para as outras. Uma das colaborações concretizadas foi justamente com o Monitor das Doações, que contou com a ajuda do GIFE para verificar as doações dos associados em seu banco de dados.

Posteriormente, essa colaboração avançou ainda mais: ainda em 2020 será lançado um painel de transparência, correalizado pelo GIFE e pela ABCR, onde investidores sociais e gestores dos recursos doados poderão dar visibilidade ao que foi feito com as doações.

Hoje, o mapeamento das iniciativas de enfrentamento da Covid-19 é apenas um dos cinco eixos do Projeto Emergência, e este artigo é justamente resultado de outro pilar da iniciativa, voltada para a produção de conhecimento e avaliação.

Outra iniciativa análoga ao projeto Emergência Covid-19 é o relatório dos primeiros 60 dias da

4 Movimento coletivo que envolve uma série de organizações e indivíduos do campo de investimento social e filantropia no Brasil que se mobilizam desde 2012 para ampliar a cultura de doação no país. Para saber mais, acesse: <https://www.doar.org.br/>.

pandemia no Brasil, publicado pela consultoria ponteAponte (AÑÓN e AOQUI, 2020). Desdobramento de um trabalho inicial de mineração de dados, o documento apresenta uma série de reflexões e aprendizados sobre a atuação inicial do setor social na resposta imediata à pandemia, contribuindo para guiar os esforços subsequentes de investidores sociais, OSC e organizações intermediárias.

Segundo Cássio Aoqui (2020), diretor da empresa, o trabalho começou de forma bastante orgânica, no intuito de entender o que estava acontecendo no campo e também para guiar a atuação de parceiros e investidores sociais apoiados pela consultoria. O que inicialmente era uma iniciativa interna e fechada acabou virando um trabalho aberto e colaborativo com outras organizações do campo, como o Instituto de Cidadania Empresarial (ICE) e o próprio GIFE.

Assim como nas demais iniciativas, a coleta dos dados não teve nenhum tipo de automação e contou com uma equipe dedicada de duas pessoas, além de agregar o apoio de voluntários. A disseminação das notícias nos grupos de WhatsApp contribuiu muito com esse trabalho de coleta, mas havia um desafio de manter os dados já coletados sempre atualizados (AOQUI, 2020).

Ao longo do caminho, perceberam que havia algumas sobreposições com as outras iniciativas já mencionadas, o que fez com que o diálogo precisasse ser estreitado para alinhar nomenclaturas e definir alguns pontos. Para Aoqui, inclusive, essa é uma das oportunidades para colaborações futuras: as organizações de referência no trabalho com dados e conhecimento acordarem suas ações logo no primeiro momento, visando evitar sobreposições e retrabalho.

Outro trabalho colaborativo de destaque relacionado a dados durante a pandemia foi o estudo Impacto da Covid-19 nas OSC Brasileiras, coordenado pela Mobiliza e pela Reos Partners. Diferentemente

das demais ações aqui abordadas, tratou-se de um levantamento de dados primários junto a 1.760 OSC de todas as regiões do país.

Para chegar a esse número expressivo de organizações, a pesquisa contou com um comitê estratégico formado por importantes atores do setor social no Brasil: ABCR, GIFE, ponteAponte, Arredondar, Move Social, Instituto Filantropia, Prosas, Nossa Causa e Rede de Fundos Independentes para Justiça Social. Além de ajudarem a acessar um grande número de OSC, esse grupo de parceiros trouxe reflexões sobre o cenário do terceiro setor no país e contribuiu com experiência técnica no tratamento de dados (principalmente a Move Social). Outro aspecto importante desse trabalho é que ele já nasceu com a captação de recursos externos, algo que não ocorreu com as demais iniciativas.

Segundo Rodrigo Alvarez (2020), fundador da Mobiliza e coordenador da pesquisa, o projeto surgiu a partir do entendimento que o aparente crescimento da filantropia no Brasil, na figura dos mais de 6 bilhões de reais mapeados pelo Monitor das Doações, não significava mais dinheiro e fortalecimento das OSC no país. O objetivo era organizar dados que mostrassem o cenário real do terceiro setor no país pós Covid-19 e trouxessem a situação à tona para a sociedade e investidores sociais. Os dados, na visão do coordenador, consolidam e deixam mais claro para a sociedade brasileira diversos aspectos de fragilidade que já vinham sendo percebidos por quem está lidando diretamente com as OSC durante a pandemia. Os resultados da pesquisa já vêm ajudando a tomada de decisão por governos e investidores e influenciando o planejamento de algumas ações para o campo. Para Alvarez, a pesquisa mostrou o poder dos dados para apoiar as decisões no campo:

Por mais que às vezes as pessoas que atuam com o terceiro setor de alguma forma já saibam sobre esse cenário das OSC, quando isso é apresentado numa pesquisa bem produzida ganha outra relevância. Uma coisa é a palavra do Rodrigo, consultor do campo, e outra é uma pesquisa setorial com 1.760 respostas válidas e contribuições de 18 organizações de referência no setor (ALVAREZ, 2020).

A estratégia de atuação em rede foi tão bem sucedida que a meta inicial de conseguir 500 respostas ao questionário de *survey* enviado para as OSC acabou sendo amplamente superada, com respostas válidas de 1.760 organizações. Outro aspecto importante para planejar o processo de coleta e garantir uma amostra representativa foi se amparar em dados já existentes sobre o terceiro setor no país, mais especificamente o Mapa das OSC do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020) e a pesquisa sobre as fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil (FASFIL) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019).

Como aprendizados e desdobramentos específicos da pesquisa para o futuro, Alvarez (2020) acredita que existem oportunidades de aprofundar o entendimento sobre o conjunto de características em comum de 18% das organizações que responderam se sentir muito ou parcialmente fortalecidas como consequência da pandemia.

2 PRINCIPAIS DESAFIOS PARA O TRABALHO COM DADOS NO SETOR SOCIAL

Nas entrevistas individuais com as lideranças das iniciativas abordadas neste artigo, foi possível mapear alguns desafios comuns.

2.1 Dificuldade na coleta de dados (principalmente devido à falta de automação)

Os coordenadores das pesquisas relataram a dificuldade para coletar os dados que fizeram parte dos trabalhos. No caso das iniciativas da ABCR, da ponteAponte e do GIFE, houve relatos comuns de que o processo de levantamento foi bastante trabalhoso, amparado em consultas diárias de várias pessoas a notícias, *sites* de *crowdfunding* e *reports* diretos de doadores/ realizadores das campanhas. No entanto, esse último caminho, segundo estimativa da ABCR, não representou nem 4% do total do recurso mapeado.

Além disso, com exceção do uso do Google Planilhas e de ferramentas de *survey* (SurveyMonkey), nenhuma das iniciativas utilizou apoio ou processo tecnológico para automatizar e dar escala ao trabalho de coleta de dados. Em alguns casos, durante um período inicial, houve inclusive sobreposição de esforços entre os projetos.

2.2 Ausência de uma classificação/ taxonomia comum no setor

Esse desafio vale para categorizar tanto quem investe quanto quem capta recursos no país. Do lado de quem investe, a ABCR relatou dificuldades na definição do setor de atuação da empresa e na identificação da proveniência da doação, a empresa ou seu respectivo instituto/ fundação.

Quanto à categorização de quem capta recursos, foram encontrados relatos comuns de dificuldade para classificar o segmento de atuação de uma OSC. Por exemplo, o Mapa das OSC mostra que 20% das organizações no Brasil têm como segmento de atuação “religião” (IBGE, 2020) – o que levanta a dúvida se “religiosa” não deveria se referir ao tipo de organização e não à sua área final de atuação na ponta. Como classificar, por exemplo, uma

organização de cunho religioso que atua com cultura ou assistência social?

Nos processos que previam o preenchimento colaborativo de uma planilha, por exemplo, esse desafio foi potencializado ainda mais, pois cada pessoa tinha uma interpretação distinta de como categorizar cada campanha.

2.3 Falta de transparência dos doadores e investidores sociais

Durante as entrevistas, surgiram alguns apontamentos sobre falta de transparência e cultura de divulgação por parte dos doadores. Um dos objetivos principais do Monitor das Doações, por exemplo, era fomentar a valorização monetária e a divulgação de doações, principalmente as relacionadas a bens e serviços.

Outra questão relacionada a esse desafio é que os *sites* de algumas iniciativas de investidores sociais não deixavam claro do que se tratava aquela campanha ou edital, nem dava suficiente visibilidade aos critérios para participação e destinação dos recursos.

2.4 Limitações para entender o destino e o impacto social dos recursos

As iniciativas mencionadas neste texto trazem ricos dados sobre a quantidade de projetos, o volume de recursos, as causas e os caminhos mais utilizados para enfrentar as emergências. Seu foco, até por limitações de tempo e do contexto, está na intencionalidade e não no real destino dos recursos – não verifica, por exemplo, se o investimento causou algum tipo de transformação ou impacto social na ponta.

Segundo João Paulo Vergueiro (2020), da ABCR,

O Monitor nunca se propôs a verificar se a doação foi realmente feita, o impacto da doação e o destino final do recurso. É um pressuposto

da boa-fé. O GIFE está construindo, tendo a ABCR como parceira, uma ferramenta de transparência específica sobre a Covid-19 para os doadores alimentarem, permitindo assim entender o destino dos recursos.

A parceria da ABCR com o GIFE deve ser lançada ainda em 2020, mas num primeiro momento especificamente voltada para transparência no contexto da pandemia. É importante, no entanto, que essa questão seja endereçada também em períodos de normalidade.

3 APRENDIZADOS PARA O USO DE DADOS NO SETOR SOCIAL

As iniciativas de mapeamento de dados no contexto da Covid-19 mostram que existem novos caminhos a serem explorados para ampliar o conhecimento sobre o setor social no Brasil em tempos “normais”.

Num período pré-pandemia, o país já contava com algumas importantes pesquisas setoriais, tais como o já mencionado Censo GIFE e outras importantes referências, como o Benchmarking do Investimento Social Corporativo (BISC), realizado pela Comunitas (2019), e a Pesquisa Doação Brasil, do Instituto pelo Desenvolvimento do Investimento Social Corporativo (IDIS, 2016).

Apesar de trazerem um relevante retrato sobre aspectos do campo em um determinado momento, praticamente todas elas têm um aspecto em comum: são pesquisas setoriais com dados consolidados, cujos resultados são disponibilizados em gráficos e tabelas agregadas, obtidos a cada dois anos ou mais e, ainda, representam apenas uma parcela ou recorte do que é feito no setor. Por terem essas características, esses instrumentos têm limitações para permitir análises individualizadas sobre as práticas de algumas empresas ou setores, a identificação de oportunidades

para investimento ou eventuais gargalos de causas e microrregiões pouco privilegiadas. Além disso, a coleta de dados primários se torna quase sempre um esforço caro e, muitas vezes, duplicado entre as diferentes organizações responsáveis.

Importante ressaltar aqui que não se trata de uma crítica aos esforços de pesquisa realizados no Brasil até hoje, mas sim uma observação sobre uma ausência de bases de dados públicas disponíveis sobre o terceiro setor e o investimento social, que poderiam contribuir com novos estudos futuros e tornar a produção de conhecimento mais barata e fácil.

A grande pergunta que fica é: será que, em tempos normais, conhecemos o cenário real da filantropia e do investimento social no Brasil?

Essa visão mais em tempo real e ampla do investimento social e da filantropia no Brasil é algo que está presente em algum grau no Monitor das Doações da ABCR e que permite ter uma visão mais clara e temporal dos atores desse ecossistema de filantropia, ainda que existam desafios de execução a serem superados.

Não se sabe, por exemplo, quanto representa a participação das doações das empresas e pessoas físicas no produto interno bruto (PIB) brasileiro. O último estudo relacionado ao mundo corporativo, de forma geral, foi realizado no longínquo ano de 2006, pelo IPEA, e mostrou que as doações das empresas representaram 0,27% do PIB em 2004 (PELIANO e PINHEIRO, 2006). Já a pesquisa Doação Brasil, do IDIS (2016), estimou que em 2016 esse número para pessoas físicas chegava a 0,23% do PIB. Apesar do mérito dessas descobertas, o setor social fica refém de pesquisas espaçadas ao longo do tempo, que dependem de financiamento externo para um trabalho caro de coleta de dados primários.

Uma vantagem de ter uma visão mais clara e imediata desse valor da filantropia, que foi possível observar no Monitor das Doações, é guiar e medir os avanços nos esforços pela ampliação da cultura de doação no país. Por exemplo, o Movimento Bem Maior (2020), organização criada por um grupo de importantes empresários brasileiros como Elie Horn, Rubens Menin e Eugênio Mattar para potencializar a filantropia no Brasil, apresenta um manifesto em seu *site* que coloca como principal objetivo “dobrar o volume de doações em relação ao PIB brasileiro em dez anos”. Novamente, fica a indagação: qual é a situação hoje? Como medir esses avanços de forma rápida e representativa da realidade? Trata-se de uma iniciativa muito relevante que, diante da importância econômica e da influência dos seus líderes, poderia transformar a filantropia no país.

Importante ressaltar que todos os entrevistados, quando perguntados, responderam que a produção de conhecimento e a disponibilidade de bases de dados sobre o campo deixa a desejar. As manifestações foram

SERÁ QUE, EM TEMPOS NORMAIS, CONHECEMOS O CENÁRIO REAL DA FILANTROPIA E DO INVESTIMENTO SOCIAL NO BRASIL?

⁵ *Application programming interface* ou, em português, interface de programação de aplicações.

no sentido de que, na atualidade, houve algum progresso em relação a cinco anos atrás, mas ainda considerada insuficiente – especialmente por não haver continuidade e pelo fato de os dados retratarem apenas uma fração da realidade. Além disso, foi mencionado que as informações sobre o campo como um todo são imprescindíveis para alavancar o setor e permitir a construção de melhores cenários e estratégias.

Alguns dos desafios apontados podem ser superados a partir de uma abordagem intersetorial, processual e tecnológica, que leva em conta muitos dos aprendizados sobre o levantamento, a sistematização e a disponibilização de informações das experiências da ABCR, GIFE, ponteAponte e Mobiliza/ Reos Partners.

4 UMA NOVA ABORDAGEM PARA TRABALHAR COM DADOS NO SETOR SOCIAL BRASILEIRO

A solução para muitos dos desafios apresentados neste artigo é a **interoperabilidade de bases de dados**. Interoperabilidade é a

[...] habilidade de dois ou mais sistemas (ou organizações) trocarem e utilizarem informações. Um sistema (ou organização) pode interoperar com qualquer outro, desde que eles consigam entender as informações que estão sendo trocadas entre eles (BURANARACH, 2004).

Importante trazer aqui uma diferenciação entre os conceitos de interoperabilidade e integração, que muitas vezes são erroneamente tratados como sinônimos. Segundo uma apostila da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP) sobre o tema,

Integração refere-se ao processo de conectar dois ou mais sistemas gerando uma

dependência tecnológica entre os mesmos. Interoperabilidade refere-se ao processo de comunicação de dois ou mais sistemas sem a geração de uma dependência tecnológica entre os mesmos (MELLO, MESQUITA e VIEIRA, 2015, p. 5).

Um edital lançado pela Fundação Bill & Melinda Gates (FBMG, 2013) com o objetivo de “aprimorar a interoperabilidade de dados para impacto social” trazia os seguintes objetivos.

- + Aprimorar a disponibilidade e o uso de dados sobre programas de impacto, ao aglutinar dados de múltiplas organizações operando em um mesmo campo e área geográfica.
- + Promover combinações de dados por meio de API⁵, taxonomias comuns, sistemas de classificação, processamento de linguagem natural e outros acordos de compartilhamento de dados.
- + Reduzir a ineficiência de usuários enviando informações similares em múltiplos sistemas, utilizando formulários web, perfis, aplicativos e interfaces comuns.
- + Criar novo valor para usuários, tentando captar dados de múltiplas fontes (tradução livre).

Um dos principais argumentos para justificar esse desafio era, na visão da Fundação, que

Uma das principais barreiras para uso e aplicações de dados, principalmente no setor social, é a falta de interoperabilidade entre as fontes. Além disso, todos os dias novos conjuntos de dados (ou “ilhas de dados”) são coletados e muitas vezes abertos ao público, e que são relevantes para o trabalho na área social. São iniciativas realizadas por agências multilaterais, organizações da sociedade civil, investidores etc. (FBMG, 2013).

Quando se considera o processo de implementação da interoperabilidade num determinado contexto,

é preciso levar em conta três dimensões complementares: organizacional, semântica e técnica (MELLO, MESQUITA e VIEIRA, 2015).

A **interoperabilidade organizacional** diz respeito à colaboração entre as diversas organizações que desejam trocar informações, preservando os modelos de operação e processo de trabalho de cada uma delas. Essas organizações precisam conhecer mutuamente seus processos de trabalho e alguns deles precisarão ser revistos para que a troca de informações aconteça.

A **interoperabilidade semântica** é

[...] a capacidade de dois ou mais sistemas heterogêneos e distribuídos trabalharem em conjunto, compartilhando informações entre eles, com entendimento comum do significado delas (BURANARACH, 2004).

Alguns conceitos e terminologias precisam ser padronizados e compartilhados, para que a troca de informações aconteça.

Já a **interoperabilidade técnica**, por sua vez,

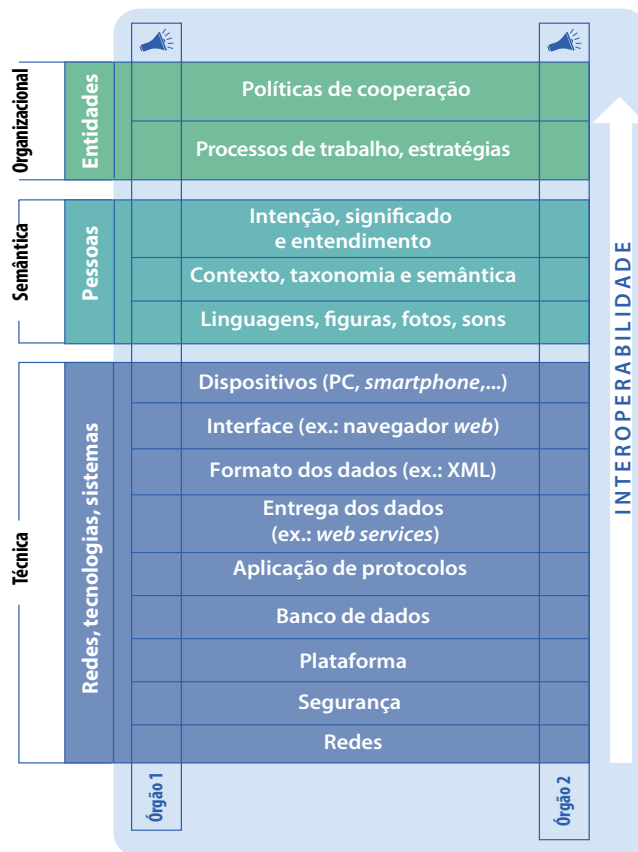
Trata da ligação entre sistemas e serviços de computação por meio da utilização de padrões para apresentação, coleta, troca, processamento e transporte de dados. Esses padrões podem abranger *hardware*, *software*, protocolos e processos de negócio.

Uma vez que forem identificados os motivos e os momentos adequados para interoperar, e que forem estabelecidos vocabulários comuns, será preciso haver também um padrão para fazer isso, ou seja, para tratar o “como fazer”. É importante, portanto, que as áreas de tecnologia busquem utilizar padrões tecnológicos comuns para implementar a interoperabilidade (MELLO, MESQUITA e VIEIRA, 2015, p. 7).

Entende-se, assim, que a interoperabilidade é uma abordagem multidisciplinar que envolve a

cooperação entre organizações, pessoas e sistemas para funcionar de forma adequada, conforme mostra a imagem a seguir.

Figura 2 – Camadas da interoperabilidade



Fonte: Mello, Mesquita e Vieira (2015).

A partir da análise das dimensões apresentadas acima, é possível fazer um paralelo com alguns dos desafios mapeados no contexto do setor social durante a pandemia e traçar elementos de um possível plano de ação. A tabela 1 traz um detalhamento de como a interoperabilidade de bases de dados pode trazer respostas aos desafios apresentados na segunda seção deste artigo.

O primeiro passo para que esse novo modelo aconteça é que haja um processo de cooperação

Tabela 1 – Desafios identificados e possibilidades da interoperabilidade de base dados

Desafio identificado	Como a interoperabilidade de bases de dados pode ajudar a resolver
Dificuldade na coleta de dados (principalmente devido à falta de automação)	Se as bases de dados fossem interoperáveis, boa parte do trabalho que os entrevistados relataram de coletar dados manualmente seria reduzida. Por exemplo, uma das tarefas que mais tomou tempo do Monitor das Doações foi coletar dados diariamente das campanhas nos <i>sites</i> de <i>crowdfunding</i> . Se o Monitor e esses <i>sites</i> fossem interoperáveis, haveria um compartilhamento automático e em tempo real. O mesmo poderia ocorrer se os associados do GIFE reportassem seus dados num só lugar e pudessem ser lidos linha a linha por outras plataformas.
Ausência de uma classificação e taxonomia comum	Para que a interoperabilidade ocorra num determinado setor, é condição <i>sine qua non</i> que haja uma pactuação de terminologias e semântica. No caso do investimento social e da filantropia, o setor precisaria, por exemplo, pactuar uma única forma de classificar os tipos de organização, os tipos de doação e as áreas de atuação.
Falta de transparência dos doadores e investidores sociais	Ainda que essa seja uma questão que depende muito mais de uma conscientização dos filantropos e investidores sociais de tornarem públicas suas doações, a interoperabilidade poderia facilitar o processo de reportar esses dados de forma que alimentasse todo o ecossistema – substituindo o processo atualmente muito comum e ineficiente de fornecer dados iguais ou similares em diferentes pesquisas e sistemas.
Limitações para entender o destino e o impacto social dos recursos	Alguns investidores sociais já utilizam plataformas eletrônicas para gestão do seu investimento social. Com a devida autorização deles, os dados sobre o destino das doações poderiam alimentar uma grande base de dados do investimento social no Brasil de forma automática. Além disso, poderia haver interoperabilidade com as bases de dados públicas de incentivos fiscais, que hoje já estão disponíveis e permitem entender cada aporte realizado pelas empresas e pessoas físicas.

Fonte: elaboração própria.

entre as diversas organizações que trabalham com dados sobre o campo no país. Essa cooperação não se limita aos atores já mapeados e entrevistados neste trabalho, mas inclui também uma série de outros *softwares* e plataformas brasileiras que estão potencializando o campo.

Esses atores representam aquilo que a Fundação Bill & Melinda Gates chamou em seu desafio de “ilhas de dados”, isto é, conjuntos de dados que separadamente geram menos valor do que se estivessem combinadas entre si. É importante lembrar que muitas dessas plataformas já são utilizadas pelos investidores sociais e doadores, evitando assim

um possível retrabalho para compartilhamento dos mesmos dados em fontes e pesquisas distintas – que é algo que acontece hoje.

Para mencionar apenas algumas dessas fontes e sistemas:

- + índice de sustentabilidade da B3 (ISE, 176 empresas);
- + plataforma de editais e gestão de investimento social (Prosas);
- + órgãos públicos que gerenciam ou têm dados sobre leis de incentivo: Ministério da Saúde, Secretarias de Cultura e Esporte, Receita Federal;

- + plataformas de doações de pessoas físicas: Benfeitoria, Vakinha, Arredondar, Editora Mol, Catarse, PicPay, Doare, Abrece Uma Causa, BSocial, Trackmob;
- + organizações da Rede de Fundos Independentes para Justiça Social;
- + plataformas de voluntariado: Atados, aPlanet, V2V;
- + organizações que realizam certificações e prêmios de OSC: Instituto Doar e Phomenta;
- + plataforma de negócios de impacto: Pipe.Social;
- + investidores sociais (associados ou não ao GIFE).

Para além da cooperação entre esses diversos atores, é preciso criar de forma coletiva e colaborativa um único sistema comum de categorização e taxonomia do investimento social e do terceiro setor, garantindo assim a interoperabilidade semântica.

Por fim, é preciso criar um aparato técnico para que esses dados sejam compartilhados de forma automática ou simplificada, com a devida autorização das partes envolvidas (investidores sociais, OSC, organizações intermediárias, doadores etc.). Isso permitirá que um dos principais desafios mapeados durante a pandemia, a coleta manual dos dados, seja superado. Lembrando, por exemplo, que uma das fontes de pesquisas do Monitor das Doações eram os *sites* de financiamento coletivo, que poderiam, mediante alguma integração ou API, ter poupado algumas noites mal dormidas da organização da iniciativa.

Um estudo internacional realizado em 2018 pesquisou aspectos técnicos, operacionais e de negócios de 35 plataformas internacionais focadas

em finanças de impacto, análogas a algumas das mencionadas no cenário brasileiro, para identificar oportunidades de sinergia e ações coletivas. A conclusão foi bastante enfática: “o estudo confirma que existe uma disseminada duplicação de esforços, modelos de negócios frágeis e similaridade de propostas de valor” (BERTELSMANN FOUNDATION, SPHAERA e ARTHA, 2018, p. 8). E termina com uma recomendação importante para ser levada em conta no cenário brasileiro: “o mundo não precisa de outra plataforma”.

O estudo traz ainda outras descobertas importantes:

- + atualmente, os dados não são compartilháveis entre plataformas por problemas de taxonomias inconsistentes ou até incoerentes;
- + somente 32% tinham API de conexão, que permitem intercambiar dados e funcionalidades entre diferentes plataformas.

Não se pretende dizer que essa interoperação é simples ou imediata. O que se quer enfatizar, no entanto, é que ela representa um potencial avanço na disponibilidade de bases de dados atualizadas sobre o campo, alicerçando estratégias em prol do aumento da cultura de doação e trazendo um insumo ímpar para a produção de conhecimento aplicado ao setor social.

Nesse modelo, é imprescindível que exista alguma organização privada representativa e neutra capaz de liderar o diálogo, zelar pelos aspectos técnicos e obter financiamento constante para a iniciativa. Também é essencial que haja conscientização dos investidores sociais e filantropos da importância em dar transparência radical para o volume e o destino dos recursos que aportam na área social.

5 EXPERIÊNCIAS E CAMINHOS PARA INTEROPERABILIDADE NO BRASIL E NO MUNDO

A partir dos aprendizados com as entrevistas realizadas e a análise das quatro iniciativas de dados durante a pandemia, foram identificadas algumas referências a serem replicadas, com as devidas ressalvas, no contexto brasileiro. Algumas foram mencionadas pelos entrevistados como possíveis exemplos internacionais a serem seguidos.

Olhando primeiro para o cenário nacional, hoje já é possível acessar dados públicos sobre as leis de incentivo fiscal no Brasil – obtidos via consultas estruturadas a bases de dados na plataforma eletrônica chamada Versalic (SEC, 2020) ou por meio de solicitações a partir da Lei de Acesso à Informação. Esse caminho permite entender, linha a linha, como cada grupo empresarial se comporta em termos de valores, área de atuação e geografia – de modo similar, por exemplo, ao que foi possível observar no Monitor das Doações.

Num contexto diferente, o [Mapa das OSC](#) (IPEA, 2020) é uma plataforma que permite a visualização dinâmica de alguns dados de mais de 800.000 organizações da sociedade civil existentes no país. Trata-se de um dos poucos bancos de dados públicos disponíveis sobre o campo hoje e que já tem traços de interoperabilidade, ao incorporar bases como o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e a plataforma Mais Brasil, sistema de parcerias do Governo Federal. No entanto, ainda faltam estímulos para que mais dados sejam compartilhados pelas organizações, o que poderia facilmente ser minimizado por meio da interoperabilidade com outros sistemas que recebem dados frequentes das OSC via editais (como o Prosas) ou prêmios (como o

Prêmio Melhores ONGs) – com a devida anuência das organizações titulares dos dados.

Saindo do nível nacional, a principal referência é a empresa norte-americana [Candid](#) (2020a), mencionada de forma unânime como exemplo a seguir seguido por todos os entrevistados deste artigo. Criada a partir de uma junção das consolidadas Foundation Center e GuideStar, a Candid reúne dados detalhados sobre financiamento às OSC, principalmente nos EUA – e também de algumas organizações brasileiras por financiadores internacionais. O [Foundation Center Maps](#) é uma plataforma que reúne dados sobre mais de 16 milhões de *grants* e 1 milhão de organizações receptoras (CANDID, 2020b). Permite visualização das informações detalhadas em diversos formatos, como mapas, tabelas e teias. É possível ver quem doou para quem (e também de quais doadores foram recebidos recursos), qual valor, qual área temática, entre outros aspectos (figura 3).

Figura 3 - Captura de tela do Foundation Center Maps



Fonte: CANDID, 2020b.

É importante fazer a ressalva de que a maior parte dos dados é obtida diretamente do governo americano, o que certamente facilita o resultado e que hoje não seria viável no Brasil. No entanto, a plataforma também possui várias integrações por meio de API com diversos *softwares* de gestão de *grants* e doação e também oferece a possibilidade de submissão de dados diretamente na plataforma, por meio de um modelo de taxonomia comum.

A plataforma, que tem acesso pago, permite diversas formas de visualizar os dados e pode ser adaptada ao contexto de uma geografia específica, como no *site* criado para mostrar as estatísticas de *grantmaking* no estado americano de Indiana (IPA, 2020).

Se aqui ainda não existe um cenário tão propício para obter dados públicos sobre doações como nos Estados Unidos, o exemplo mostra que já existem casos fora do Brasil de repositórios únicos de dados alimentados via interoperabilidade. Importante ressaltar que um caminho bastante favorável para replicar a experiência americana seria a implantação de um modelo mais amplo de incentivos fiscais para doação no Brasil, que fosse aplicável a qualquer doação independente de tema. Isso permitiria que houvesse uma grande base pública de dados para consulta das doações incentivadas, assim como já ocorre hoje com muitos dos incentivos fiscais existentes no país.

6 OLHANDO PARA O FUTURO, ANTES DE A PANDEMIA ACABAR

Por mais paradoxal que possa parecer, os momentos de crise são os mais apropriados para se evitar a diluição da centralidade que a Educação, ciência, tecnologia e inovação têm para países como o nosso (ARBIX e MIRANDA, 2015).

As iniciativas que surgiram durante a crise de Covid-19 mostraram que existem outras formas de mapear e visualizar dados a respeito de ações do setor social no Brasil. É uma forma complementar às pesquisas que já são desenvolvidas no país há alguns anos, que trazem, além dos dados agregados, lições importantes sobre tendências, práticas de gestão e comportamentos dos investidores sociais e OSC.

Sem menosprezar iniciativas já existentes, este artigo buscou mostrar oportunidades para aprimorar uma atuação pautada em dados no setor social brasileiro e, principalmente, para criar repositórios comuns, com acesso público, viáveis somente se houver uma atuação em rede e a interoperabilidade de múltiplos conjuntos de dados.

Para que a interoperabilidade aconteça, é necessário que todos estejam de acordo sobre a forma como [...]vai ocorrer. Ou seja, quanto mais padronizados forem os mecanismos de interoperabilidade, menos esforço será demandado para criarmos interfaces de interoperação – e a comunicação ocorrerá de forma mais rápida e ágil (CHEDE, 2008).

A interoperabilidade de bases de dados é um esforço setorial e definitivo para dar transparência contínua às ações desse importante campo para a sociedade brasileira. Esse esforço servirá como guia para ampliar a cultura de doação e a produção de conhecimento sobre impacto social no país.

REFERÊNCIAS

- ABCR – Associação Brasileira de Captadores de Recursos. **Monitor das doações covid**. Disponível em: <https://www.monitoradasdoacoes.org.br/pt>. Acesso em: 21/9/2020.
- ALVAREZ, Rodrigo. **Entrevista**. Diretor da Mobiliza e Coordenador da pesquisa “Impacto da Covid-19 nas OSC Brasileiras”. Setembro de 2020.
- AÑÓN, Raquel e AOQUI, Cássio. **Os primeiros 60 dias de covid-19 no Brasil em 60 fatos, reflexões e tendências em filantropia, investimento social e o campo de impacto social**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/14eHc2LhhoGbAaZaf46Aa5fe3iGbeQUzl/view>. Acesso em: 27 de outubro de 2020.
- AOQUI, Cássio. **Entrevista**. Diretor da consultoria ponteAponte. Setembro de 2020.
- ARBIX, G.; MIRANDA, Zil. Inovação em tempos difíceis. 2015. **Plural**, v. 22, n. 2, p. 18-36. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2015.112428>. Acesso em: 22 de setembro de 2020.
- BERTELSMANN FOUNDATION; SPHAERA; ARTHA. **Impact platforms: towards an interoperable impact finance ecosystem**. 2018. Disponível em: https://impactfinance.network/wp-content/uploads/2018/10/Impact-Platforms-Report_Final.pdf. Acesso em: 21 de setembro de 2020.
- BURANARACH, M. A. **Framework for the organization and discovery of information resources in a www environment using association, classification e deduction**. Disponível em: <http://lst.nectec.or.th/marut/>. Acesso em: 29 de maio de 2015.
- CANDID. **Candid**. Disponível em: <https://candid.org/>. 2020a. Acesso em: 27 de outubro de 2020.
- CANDID. **Foundation maps**. 2020b. Disponível em: <https://maps.foundationcenter.org/home.php>. Acesso em: 27 de outubro de 2020.
- CHEDE, C. T. **Padrões abertos, interoperabilidade e interesse público**. 2008. Disponível em: <http://www.politics.org.br/edicoes/padr%C3%B5es-abertos-interoperabilidade-e-interessep%C3%BAblico>. Acesso em: 21 de setembro de 2020.
- COMUNITAS. **Benchmarking do investimento social corporativo (BISC): relatório 2019**. 2019. Disponível em: https://www.comunitas.org/wp-content/uploads/2020/03/BISC_2019_Relat%C3%B3rioFinal-1.pdf. Acesso em: 27 de outubro de 2020.
- FTFS – Força Tarefa de Finanças Sociais. **Carta de princípios para negócios de impacto no Brasil**. 2015. Disponível em: <https://aliancapeloimpacto.org.br/wp-content/uploads/2020/02/carta-principios.pdf>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.
- FBMG – Fundação Bill & Melinda Gates. **Increasing interoperability of social good data** (round 11). 2013. Disponível em: <https://gcgh.grandchallenges.org/challenge/increasing-interoperability-social-good-data-round-11>. Acesso em: 21 de setembro de 2020.
- GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Censo GIFE 2018**. 2019. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/censo-gife-2018>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.
- GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Emergência Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://emergenciacovid19.gife.org.br/>. Acesso em: 27 de outubro de 2020.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil - 2016**. Série Estudos e Pesquisas: Informação Econômica, n. 32. 2019. 105 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101647.pdf>. Acesso em: 27 de outubro de 2020.
- IDIS – Instituto pelo Desenvolvimento do Investimento Social Corporativo. **Pesquisa doação Brasil 2015**. 2016. Disponível em: https://idis.org.br/pesquisadoacaobrasil/wp-content/uploads/2016/10/PBD_IDIS_Sumario_2016.pdf. Acesso em: 27 de outubro de 2020.
- IPA – Indiana Philanthropy Alliance. Disponível em: <https://indiana.foundationcenter.org/>. Acesso em: 27 de outubro de 2020.
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Mapa das organizações da sociedade civil**. Disponível em: <https://mapaosc.ipea.gov.br/>. Acesso em: 27 de outubro de 2020.
- MELLO, Ana Paula; MESQUITA, H.; VIEIRA, C.E. **Introdução à interoperabilidade**. Módulo 1. Brasília, 2015. (Apostila).

MOVIMENTO BEM MAIOR. **Manifesto**. Disponível em: <https://movimentobemmaior.org.br/quem-somos/#manifesto>. Acesso em: 27 de outubro de 2020.

PELIANO, Anna; PINHEIRO, Luana. **A iniciativa privada e o espírito público**: a evolução da ação social das empresas privadas no Brasil. IPEA, Brasília, 2006. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/acaosocial/IMG/pdf/doc-28.pdf>. Acesso em: 22 de setembro de 2020.

SANCHEZ, Erika. **Entrevista**. Coordenadora da iniciativa Emergência Covid-19 no GIFE. Setembro de 2020.

SEC – Secretaria Especial da Cultura, Ministério do Turismo. **Versalic**. Disponível em: <http://versalic.cultura.gov.br/>. Acesso em: 27 de outubro de 2020.

VERGUEIRO, João Paulo. **Entrevista**. Diretor Executivo da Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR) e responsável pela iniciativa do Monitor das Doações. Setembro de 2020.

O AUTOR

Bruno Barroso é graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e especialista em Gestão de Negócios pela Fundação Dom Cabral. Com atuação no terceiro setor desde 2008, tornou-se empreendedor social e cofundou os negócios de impacto Nexo Investimento Social, que apoia a sustentabilidade de organizações da sociedade civil em todo o país, e a plataforma Prosas, referência em editais para investimento social. É membro do Grupo de Conhecimento do GIFE.

Coordenação geral Projeto Emergência Covid-19:

Erika Sanchez Saez

Apoio à coordenação geral: **Talita Ibrahim**

Coordenação da publicação: **Carolina Magosso, Erika Sanchez Saez e Graziela Santiago**

Supervisão: **Gustavo Bernardino e José Marcelo Zacchi**

Revisão de textos: **Gleice Regina Guerra**

Projeto gráfico: **Tatiana Alves Cavalcanti**

Diagramação: **Alastra, Comunica.**

Apoiadores:

Alana | B3 Social | Fundação Bradesco | Fundação Ford |

Fundação Lemann | Fundação Telefônica Vivo |

Fundação Tide Setubal | Instituto ACP | Itaú Social |

Instituto Unibanco | Laudes Foundation



Este material é disponibilizado sob a licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional

As opiniões e análises expressas nesta publicação não necessariamente refletem as do GIFE.

ISBN: 978-65-86701-07-4

DOI: [10.33816/978-65-86701-07-4](https://doi.org/10.33816/978-65-86701-07-4)

© 2020 GIFE - Grupo de Institutos Fundações e Empresas